CAPÍTULO 3

O Senso de um Eu Emergente

A IDADE de dois meses é uma fronteira quase tão clara quanto o próprio nascimento. Por volta de oito semanas, os bebês passam por uma mudança qualitativa: eles começam a fazer um contato direto olho-a-olho. Logo depois, começam a sorrir mais freqüentemente, e também responsiva e contagiantemente. Eles começam a vocalizar. De fato, muito mais acontece durante essa mudança no desenvolvimento do que aquilo que é refletido pelo aumento dos comportamentos sociais manifestos. A maior parte da aprendizagem é mais rápida e mais inclusiva. As estratégias para prestar atenção ao mundo mudam em termos dos padrões de exploração visual alterados. Os padrões motores amadurecem. A inteligência sensório-motora atinge um nível mais alto, como Piaget descreveu. Os eletroencefalogramas revelam mudanças maiores. O meio hormonal diurno se estabiliza, juntamente com os ciclos de sono e atividade. Quase tudo muda. E todos os observadores de bebês, incluindo os pais, concordam com isso (Piaget, 1953; Sander, 1962; Spitz, 1965; Emde e colegas, 1976; Brazelton e colegas, 1979; Haith, 1980; Greenspan e Lourie, 1981; Bronson, 1982).

Até ocorrer essa mudança no desenvolvimento, considera-se geralmente que o bebê está em algum tipo de fase da vida pré-social, pré-cognitiva, pré-organizada, que vai do nascimento aos dois meses. As questões centrais deste capítulo são: como o bebê poderia experienciar o mundo social durante esse período inicial? E como poderia ser o senso de eu do bebê durante esse tempo? Eu concluo que durante os primeiros dois meses o bebê está ativamente formando o senso de um eu emergente. É um senso de eu que perma-

necerá ativo pelo resto da vida. Nesse período ainda não foi atingido um senso de eu abrangente, mas ele está em formação. Para entender como se chegou a essa conclusão é necessário entender a natureza provável da experiência do bebê nesta idade.

Nos últimos quinze anos ocorreu uma revolução na observação e, conseqüentemente, na avaliação dos bebês. Um dos resultados dessa revolução é que a vida social subjetiva do bebê durante os primeiros dois meses teve que ser reconsiderada.

OBSERVANDO O JOVEM BEBÊ: UMA REVOLUÇÃO NA PESQUISA SOBRE A FASE DE BEBÊ

A seguinte descrição da revolução, na pesquisa sobre a fase de bebê objetiva servir a vários propósitos: mostrar algumas das capacidades do bebê que conduzem à formação de um senso de eu, capacidades que ninguém imaginava estarem presentes tão cedo, há uma ou duas décadas atrás; oferecer um conjunto de conceitos e um vocabulário comuns para o que segue, e, talvez o mais importante, expandir a estrutura de referência sobre bebês que é comumente prevalente entre os clínicos e outros que não conseguiram se manter a par da literatura rapidamente crescente sobre a fase de bebê. O conhecimento das capacidades do bebê, em si próprio, recentemente descobertas, se encarregará dessa expansão.

As pessoas sempre tiveram perguntas que gostariam de ter feito a respeito dos bebês. O que os bebês vêem, cheiram, sentem, pensam, querem? Boas perguntas eram abundantes, mas as respostas eram escassas. Como poderia um bebê responder? A revolução na pesquisa consistiu em transformar a situação, não perguntando "qual seria uma boa pergunta para se fazer a um bebê?" e sim "o que um bebê poderia fazer (como sugar) que serviria como resposta?" Com essa simples virada começou a busca das habilidades do bebê que poderiam ser transformadas em respostas (medidas de resposta) e a revolução teve início.

Era necessária uma outra mudança de visão. Esta foi a compreensão de que os recém-nascidos não estão sempre em um estado de sono, fome, comendo, inquietando-se, chorando ou em plena atividade. Se fosse esse o caso, todas as "respostas" comportamentais potenciais ou já estariam em ação ou impedidas por uma outra atividade ou estado. Mas esse não é o caso. Começando do nascimento, os bebês estão regularmente em um estado chamado de inatividade alerta, quando eles ficam fisicamente tranqüilos e alertas, e aparentemente absorvendo eventos externos (Wolff, 1966). Além dis-

so, a inatividade alerta pode durar vários minutos, algumas vezes mais tempo, e acontece regularmente durante a vigília. A inatividade alerta proporciona a "janela" de tempo necessária em que as perguntas podem ser feitas aos recém-nascidos e as respostas podem ser discernidas a partir de sua atividade em processo.

A pergunta em questão é: como nós podemos saber o que os bebês "sabem"? Boas "respostas" do bebê devem ser comportamentos prontamente observáveis que sejam realizados freqüentemente, que estejam sob controle voluntário e que possam ser solicitados durante a inatividade alerta. Três dessas respostas comportamentais qualificam-se imediatamente, começando no nascimento: virar a cabeça, sugar e olhar.

O recém-nascido não tem um bom controle sobre sua cabeça e não consegue mantê-la no alto, em uma posição erguida. Mas, quando deitados de costas, de forma que suas cabeças estejam apoiadas, os recém-nascidos realmente têm um controle adequado para virar a cabeça para a esquerda ou direita. O virar a cabeça tornou-se a resposta para a seguinte questão: os bebês podem reconhecer o cheiro do leite de suas próprias mães? MacFarlane (1975) colocou bebês de três dias de idade deitados de costas e então colocou compressas umidecidas com o leite das mães em um lado de suas cabeças. No outro lado, ele colocou compressas tiradas de outras mulheres que estavam amamentando. Os recém-nascidos voltavam suas cabeças com segurança em direção às compressas de sua própria mãe, independentemente do lado em que as compressas eram colocadas. O virar a cabeça respondeu à pergunta de MacFarlane na afirmativa: os bebês são capazes de discriminar o cheiro do leite de suas próprias mães.

Os recém-nascidos são bons sugadores. A vida depende da sucção, um comportamento que é controlado pelos músculos voluntários. Quando não estão mamando (sucção nutritiva), os bebês se empenham bastante na sucção não-nutritiva, em qualquer coisa que possam agarrar, incluindo suas próprias línguas. A sucção não-nutritiva ocorre durante os períodos de inatividade alerta do bebê, tornando-a uma "resposta" potencialmente boa. Os bebês podem rapidamente ser treinados para sugar de modo a fazer com que algo aconteça. Isso é feito colocando-se uma chupeta com um bico eletronicamente conectado — isto é, com um tradutor de pressão dentro dele — na boca do bebê. O tradutor é conectado ao mecanismo iniciador de um gravador ou projetor de *slides*, de modo que quando os bebês sugam em certos padrões especificados, o gravador avança ou o projetor muda para um novo *slide*. Dessa maneira, os bebês controlam o que eles ouvem ou vêem, mantendo algum padrão de sucção (Siqueland e DeLucia, 1969). A sucção foi usada para determinar se os bebês estão especialmente interessados na voz humana, em preferência a outros sons de mesma diapasão e sonoridade. O padrão de sucção dos bebês respondeu à pergunta afirmativamente (Friedlander, 1970).

Os recém-nascidos chegam com um sistema visuomotor que está maduro em muitos aspectos. Eles enxergam razoavelmente bem na distância focal certa e os reflexos que controlam os movimentos dos olhos responsáveis pela fixação e busca visual dos objetos estão intactos no nascimento. Os padrões de olhar do bebê são, assim, uma terceira "resposta" potencial, Fantz (1963), em uma série de estudos pioneiros, usou as preferências visuais do bebê para responder à pergunta: os bebês preferem olhar para rostos em vez de outros variados padrões visuais? Eles realmente preferem, embora as razões sejam complicadas. (Observem que todas as três perguntas feitas nesses estudos referem-se a questões interpessoais ou sociais e comprovam a responsividade precoce dos bebês ao seu mundo social.)

Para ligar essas "respostas"(1) a perguntas mais interessantes, vários paradigmas foram desenvolvidos e elaborados. Para aprender se um bebê prefere uma coisa a outra, nós precisamos apenas colocar os dois estímulos em competição, em um "paradigma comparativo de preferência emparelhado" e ver qual dos estímulos ganha a atenção. Por exemplo, se mostramos a um bebê um padrão simétrico no qual o lado esquerdo é a imagem no espelho do lado direito, e a seguir mostramos o mesmo padrão colocado ao seu lado, de modo que a imagem de cima seja a imagem no espelho da metade inferior, o bebê olhará mais longamente para as imagens espelhadas esquerda-direita do que para as imagens espelhadas parte superior parte inferior (veja Sherrod, 1981). Conclusão: os bebês preferem a simetria no plano vertical, característica dos rostos humanos, à simetria no plano horizontal. (Observem que os pais tendem automaticamente a alinhar seus rostos ao do bebê no plano vertical.)

Mas suponha que não há preferência por uma coisa em relação a outra. Ainda conseguiremos descobrir se o bebê pode distinguí-las? Para determinar se os bebês podem discriminar uma coisa de outra é utilizada alguma forma do paradigma "habituação/desabituação". Esse método baseia-se na noção de que se a mesma coisa for apresentada aos bebês repetidamente, eles responderão a ela progressivamente menos. Presumivelmente, essa reação de habituação se deve ao fato de que o estímulo original se torna cada vez menos efetivo na medida em que deixa de ser novidade. Com efeito, o bebê fica entediado com ele (Sokolov, 1960; Berlyne, 1966). Se queremos saber, por exemplo, se os bebês podem discriminar um rosto sorridente de um rosto surpreso, apresentamos o rosto sorridente seis vezes ou mais, enquanto os bebês olham progressivamente menos para ele. O rosto surpreso da mesma pessoa substitui, então, a próxima apresentação esperada do rosto sorridente. Se os bebês perceberem a substituição eles irão desabituar-se, isto é, olhar bastante para ele, como fizeram com o rosto sorridente em sua primeira apresentação. Se eles não puderem diferenciar o rosto surpreso do sorridente, então eles continuarão a habituar-se, isto é, olhar para ele tão pouco quanto vieram a olhar para o rosto sorridente após vê-lo repetidamente.

Esses procedimentos apenas nos dizem se os bebês conseguem fazer ou não uma discriminação. Eles não nos dizem se eles formaram qualquer conceito ou representação das propriedades que geralmente produzem um sorriso. Para saber isso, precisamos dar um passo adicional. Precisa ser mostrado, por exemplo, que um bebê irá discriminar um sorriso independentemente do rosto em que ele estiver. Podemos então dizer que o bebê tem uma representação abstrata das propriedades invariantes (imutáveis) que constituem o sorriso, independentemente das propriedades variantes (mutáveis), tais como o rosto que mostra o sorriso.

Utilizando esse tipo de paradigma experimental e esses métodos de eliciar "respostas" nos bebês, um corpo importante de informações pode ser obtido. Os exemplos dados não apenas explicam como investigamos os bebês e nos dão alguma informação sobre as capacidades que descobrimos neles; eles também ajudam a fornecer a informação a partir da qual podemos estabelecer alguns princípios gerais sobre a percepção, cognição e afeto dos bebês que serão necessários para os argumentos deste capítulo e alhures (veja Kessen e colaboradores, 1970; Cohen e Salapatek, 1975; Kagan e colaboradores, 1978; Lamb e Sherrod, 1981; Lipsitt, 1983; Field e Fox). Esses, em resumo, são:

1. Os bebês buscam estimulação sensorial. Além disso, eles a buscam com a qualidade peremptória que é um pré-requisito para se fazer hipóteses sobre impulsos e sistemas motivacionais.
2. Eles possuem preconceitos ou preferências distintas com relação às sensações que buscam e às percepções que formam. Isso é inato.
3. A partir do nascimento, parece haver uma tendência central para formar e testar hipóteses sobre aquilo que está ocorrendo no mundo (Bruner, 1977). Os bebês também estão constantemente "avaliando", no sentido de perguntar: isso é diferente daquilo ou é a mesma coisa? Quão discrepante é aquilo que eu recém encontrei com relação àquilo que eu encontrei previamente? (Kagan e colaboradores, 1978) É claro que essa tendência mental central, com aplicação constante, irá rapidamente categorizar o mundo social em padrões, eventos, conjuntos e experiências semelhantes e contrastantes. O bebê prontamente descobrirá quais aspectos de uma experiência são invariantes e quais são variantes – isto é, quais aspectos "pertencem"' à experiência (J. Gibson, 1950,1979; E. Gibson, 1969). O bebê aplicará esses mesmos processos a quaisquer sensações e percepções existentes, da mais simples à finalmente mais complexa – isto é, pensamentos acerca de pensamentos.
4. Os processos afetivos e cognitivos não podem ser prontamente separados. Em uma simples tarefa de aprendizagem, a ativação aumenta e diminui. A aprendizagem, ela própria, é motivada e carregada de afeto. Da mesma forma, em um momento intensamente afetivo, a percepção e a cognição continuam. E, finalmente, as experiências afetivas (por exemplo, as muitas ocasiões diferentes de surpresa) possuem seus próprios aspectos invariantes e variantes. Classificá-los é uma tarefa cognitiva relacionada à experiência afetiva.

Essa visão do jovem bebê, tornada possível pela revolução na pesquisa, é principalmente cognitiva e em grande parte determinada pela natureza das observações experimentais. Mas e o jovem bebê conforme visto pelos clínicos ou pelos pais, e o bebê mais afetivo com motivações e apetites que o forçam para fora do estado de inatividade alerta? É aqui que pode começar a divergência entre o bebê observado e o clínico.

A VISÃO CLÍNICA E PARENTAL DO JOVEM BEBÊ

A grande maioria do tempo da mãe durante os dois primeiros meses do bebê é gasta em regular e estabilizar os ciclos dormir-acordar, dia-noite e fome-saciedade. Sander (1962, 1964) chamou a tarefa primária deste período inicial de regulação fisiológica e Greenspan (1981) a chamou de homeostase.

Quando o bebê vem para casa do hospital, os novos pais vivem de minuto a minuto, tentando regular o recém-nascido. Após alguns dias, eles talvez consigam ver vinte minutos no futuro. Ao final de algumas semanas, eles têm o luxo de um futuro que é predizível por períodos de tempo de uma ou duas horas. E depois de quatro a seis semanas, períodos de tempo regular de três a quatro horas são possíveis. As tarefas de comer, adormecer e a homeostase geral são geralmente acompanhadas por comportamentos sociais dos pais: embalar, acariciar, tranqüilizar, conversar, cantar e fazer sons e caretas. Eles ocorrem em resposta a comportamentos do bebê que também são principalmente sociais, tais como chorar, choramingar, sorrir e olhar fixamente. Uma grande quantidade de interação social acontece a serviço da regulação fisiológica. Algumas vezes, os pais deixam de apreciar que as interações sociais estão acontecendo, quando eles tão realisticamente têm os olhos no objetivo da atividade, tal como acalmar o bebê; os fins parecem tudo o que importa e os meios para atingir esses fins passam inobservados como momentos do relacionar-se interpessoal. Outras vezes, os pais realmente se centram na interação social e agem, desde o início, como se o bebê tivesse um senso de eu. Os pais imediatamente atribuem intenções a seus bebês ("Oh, você quer ver aquilo"), motivos ("Você está fazendo isso para que a mamãe se apresse com a mamadeira") e autoria de ação ("Você atirou aquilo fora de propósito, hã?"). É quase impossível conduzir uma interação social com bebês sem atribuir a eles essas qualidades humanas. Essas qualidades tornam o comportamento humano compreensível, e os pais invariavelmente tratam seus bebês como seres compreensíveis, isto é, como as pessoas que eles virão a ser, trabalhando na zona de desenvolvimento proximal do bebê(2).

Assim, por um lado, os pais vêem os jovens bebês como sistemas fisiológicos que necessitam regulação e, por outro, como pessoas razoavelmente desenvolvidas com experiências subjetivas, sensibilidades sociais e um senso de eu que está crescendo, se é que já não está lá.

A psicanálise clássica focou quase que exclusivamente a regulação fisiológica durante esse período inicial, enquanto desconsiderava o fato de que grande parte dessa regulação era na verdade realizada através das mútuas trocas de comportamentos sociais. Essa abordagem resultou no quadro de um bebê de certa forma associal, mas também proporcionou uma rica descrição da vida interior do bebê da forma como é afetada pelas mudanças no estado fisiológico. Por exemplo, Freud (1920) achava que os bebês estavam protegidos do relacionar-se pela "barreira de estímulos", que os protegia de terem que registrar e lidar com a estimulação externa, incluindo outras pessoas. Mahler, Pine e Bergman (1975) viam os bebês como ocupando um estado de "autismo normal", essencialmente não-relacionados com outros. Em ambas essas visões, os bebês se relacionam com os outros apenas indiretamente, na extensão em que os outros influenciam seus estados internos de fome, fadiga e assim por diante. Nessas visões, os bebês permanecem em um prolongado estado de indiferenciação, em que não existe um mundo social, subjetivamente, para ajudá-los a descobrirem um senso de eu ou de outro. Por um lado, os afetos flutuantes e as tensões fisiológicas que ocorrem nos bebês são vistos como a fonte de experiências que irão definir fundamentalmente um senso de eu. Essas experiências ocupam um estágio central nos primeiros dois meses.

A "escola" britânica das relações objetais e H. S. Sullivan, um paralelo americano, foram os únicos, entre os teóricos clínicos, a acreditar que o relacionamento social humano está presente desde o nascimento, que existe por si próprio, que é de natureza definível e que não depende dos estados de necessidade fisiológica (Balint, 1937; Klein, 1952; Sullivan, 1953; Fairbairn, 1954; Guntrip, 1971). Atualmente, os teóricos do apego elaboraram melhor essa visão com dados objetivos (Bowlby, 1969; Ainsworth, 1979). Essas visões consideram a experiência social *direta* do bebê, a qual os pais sempre intuíram ser parte da vida subjetiva do bebê, seu foco central de interesse.

Todas essas teorias clínicas fazem uma asserção comum: que os bebês possuem uma vida subjetiva muito ativa, cheia de paixões e confusões mutáveis, e que eles experienciam um estado de indiferenciação ao lutarem com eventos sociais indistintos, que presumivelmente são vistos como desconectados e desintegrados. Essas visões clínicas identificaram algumas das experiências salientes das flutuações do estado interno e do relacionar-se social que poderiam contribuir para um senso de eu, mas não estiveram em posição de descobrir as capacidades mentais que poderiam levar o bebê a utilizar essas experiências para diferenciar um senso de eu ou de outro. É aí que o trabalho experimental dos desenvolvimentalistas faz sua contribuição. Ele permite que vejamos como o bebê poderia experienciar os mundos do afeto e as mudanças

no estado de tensão, assim como as percepções do mundo externo que acompanham as mudanças de afeto e de tensão. Afinal, é a integração de tudo isso o que constituirá a experiência social do bebê.

A NATUREZA DO SENSO EMERGENTE DE EU: A EXPERIÊNCIA DO PROCESSO E PRODUTO

Nós agora podemos retornar à questão central: que tipo de senso de eu é possível durante esse período inicial? A noção de que ele de qualquer modo existe nessa idade tão inicial, geralmente, é descartada ou nem chega a ser considerada, porque a idéia de um senso de eu usualmente é reservada para algum esquema, conceito ou perspectiva completa e integradora a respeito do eu. E os bebês claramente não são capazes de fazer tal resumo durante esse período inicial. Eles possuem experiências separadas, não-relacionadas, que ainda precisam ser integradas em uma perspectiva abrangente.

As maneiras como se formam as relações entre experiências desiguais foram o assunto em questão básico, de grande parte dos trabalhos de Piaget, dos Gibson e dos teóricos da aprendizagem associativa. Os teóricos clínicos reuniram todos esses processos e os descreveram metaforicamente como a formação de "ilhas de consistência" (Escalona, 1953). Eles descreveram os pulos que formam esse desenvolvimento da organização em termos das cognições, em cada passo ou nível progressivo. Assim, eles tendem a interpretar o *produto* desses pulos integrados como o senso de eu. Mas e em relação ao *processo* em si — a exata experiência de realizar os pulos e criar relações entre eventos previamente não-relacionados ou de formar organizações parciais ou consolidar esquemas sensório-motores? Pode o bebê experienciar não apenas o senso de uma organização já formada e possuída, mas também o vir-a-ser da organização? Eu estou sugerindo que o bebê pode experienciar o *processo* da organização emergente assim como o resultado, e é essa experiência de organização emergente que eu chamo de *senso emergente de eu*. É a experiência de um processo, assim como de um produto.

A emergência da organização não é nada mais do que uma forma de aprendizagem. E experiências de aprendizagem são eventos poderosos na vida de um bebê. Como nós já observamos, os bebês estão predispostos a buscar e empenhar-se nas oportunidades de aprendizagem. Todos os observadores da aprendizagem, de alguma forma, ficaram impressionados ao ver quão fortemente motivada (isto é, positivamente reforçadora) é a criação de novas organizações mentais. Foi proposto que a aprendizagem inicial descrita por Piaget, que resulta na consolidação dos esquemas sensório-motores,

como por exemplo, o polegar-na-boca, é intrinsecamente motivada (Sameroff, 1984). A experiência de formar organização envolve tanto o processo motivado quanto o produto reforçador; eu aqui irei enfocar mais o processo(3).

Mas, em primeiro lugar, podem os bebês experienciar também a não-organização? Não! O "estado" de indiferenciação é um excelente exemplo de não-organização. Somente um observador que tenha perspectiva suficiente para saber o futuro curso das coisas pode igualmente imaginar um estado indiferenciado. Os bebês não são capazes de saber *o que* eles não sabem, nem *que* eles não sabem. As noções tradicionais dos teóricos clínicos tomaram o conhecimento do observador de bebês — isto é, a relativa indiferenciação comparada com a visão diferenciada das crianças mais velhas — reificaram-no e o devolveram, ou o atribuíram aos bebês como seu próprio senso subjetivo dominante das coisas. Se, por um lado, não reificamos a indiferenciação como um atributo da experiência subjetiva do bebê, o quadro fica muito diferente. Existem muitas experiências separadas, que para o bebê podem ter extrema clareza e vivacidade. A falta de relação entre essas experiências não é percebida.

Quando as diversas experiências estão de alguma maneira unidas (associadas, assimiladas ou conectadas de alguma forma), o bebê experiencia a emergência da organização. Para que o bebê tenha algum senso de eu formado, deve haver basicamente alguma organização que seja sentida como um ponto de referência. A primeira organização desse tipo se refere ao corpo: sua coerência, ações, estados internos de sentimento e a memória disso tudo. Essa é a organização experiencial com a qual o senso de um eu nuclear está relacionado. Imediatamente anterior a isso, no entanto, ainda está se formando a organização de referência para um senso de eu; em outras palavras, está emergente. O senso de um eu emergente refere-se assim ao processo e ao produto da organização em formação. Diz respeito à aprendizagem das relações entre as experiências sensórias do bebê. Mas toda aprendizagem é essencialmente isso. A aprendizagem certamente não se destina ao exclusivo propósito de formar um senso de eu, mas um senso de eu será um dos muitos subprodutos vitais da capacidade geral de aprendizagem.

O senso de um eu emergente inclui, assim, dois componentes, os produtos das relações em formação entre experiências isoladas e o processo. Os produtos serão discutidos com maiores detalhes no próximo capítulo, sobre o senso de um eu nuclear, que descreve os produtos que se reúnem para formar a primeira perspectiva abrangente do eu. Neste capítulo, enfocarei mais precisamente o processo, ou a experiência da organização-vindo-a-ser. Para fazer isso, examinarei os vários processos disponíveis para o jovem bebê para a criação da organização relacional e os tipos de experiências subjetivas que poderiam se desenvolver a partir do empenho nesses processos.

PROCESSOS ENVOLVIDOS NA FORMAÇÃO DO SENSO DE UM EU E OUTRO EMERGENTES

Percepção amodal

No final da década de 70, os achados de vários experimentos ergueram dúvidas profundas a respeito de como os bebês aprendem sobre o mundo, isto é, como eles conectam experiências. O que estava em jogo era o problema filosófico e psicológico da unidade perceptual, existente há muito tempo — como vimos a saber que alguma coisa vista, ouvida e tocada pode de fato ser a mesma coisa. Como coordenamos informações que vêm de várias modalidades perceptuais diferentes, mas emanam de uma única fonte externa? Esses experimentos atraíram ampla atenção para a capacidade do bebê de transferir a experiência perceptual de uma modalidade sensorial para outra, e o fizeram em um formato experimental aberto à réplica.

O experimento de Meltzoff e Borton (1979) coloca claramente o problema e a questão. Eles vendaram os olhos de bebês com três semanas de idade e lhes deram uma de duas chupetas diferentes para sugar. Uma das chupetas tinha um bico com formato esférico e a outra era um bico com protuberâncias em vários pontos ao longo de sua superfície. Depois de o bebê ter tido alguma experiência sentindo (tocando) o bico somente com a boca, o bico era removido e colocado lado a lado com o outro tipo de bico. A venda era retirada. Após uma rápida comparação visual, os bebês olhavam mais para o bico que eles recém haviam sugado.

Esses achados pareceram ser opostos aos relatos atuais sobre a aprendizagem e conhecimento de mundo do bebê. Em bases teóricas, os bebês não deveriam ter sido capazes de realizar essa tarefa. Uma explicação piagetiana teria dito que eles primeiro formam um esquema de como o bico era sentido (um esquema háptico(4)) e um esquema de como era o bico (um esquema visual); então esses dois esquemas teriam que ter algum tráfego ou interação (assimilação recíproca), de modo a resultar um esquema coordenado visual-háptico (Piaget, 1952). Somente então os bebês poderiam realizar a tarefa. De modo claro, os bebês de fato não tiveram que passar por esses passos de construção. Eles imediatamente "souberam" que aquilo que eles agora viam era aquilo que eles recém haviam sentido. De modo semelhante, uma estrita teoria de aprendizagem ou explicação associacionista desses achados teria imensa dificuldade para explicá-los, uma vez que os bebês não haviam tido uma experiência anterior para formar as associações necessárias entre aquilo que foi sentido e aquilo que foi visto. (Para explicações mais completas sobre o problema em seu contexto teórico, veja Bower, 1972; 1974, 1976; Moore e Meltzoff, 1978; Moes, 1980; Spelke, 1980; Meltzoff e Moore, 1983.) Embora essa transferência háptica-visual de informação pareça melhorar e se tor-

nar mais rápida na medida em que os bebês ficam mais velhos (Rose, 1972), está claro que a capacidade está presente nas primeiras semanas de vida. Os bebês estão predispostos a serem capazes de realizar uma transferência modal cruzada de informação que lhes permite reconhecer uma correspondência através do toque e da visão. Nesse caso, a união das experiências tátil e visual é realizada pela predisposição inata do sistema perceptual, não pela experiência de mundo repetida. Nenhuma aprendizagem é necessária inicialmente, e a aprendizagem subseqüente das relações entre as modalidades pode ser construída sobre essa base inata.

A correspondência recém-descrita ocorreu entre o toque e a visão e se referia à forma. E em relação a outras modalidades, outras qualidades da percepção, tais como intensidade e tempo? Serão os bebês igualmente dotados para reconhecer essas equivalências modais cruzadas? Utilizando a velocidade cardíaca como uma medida de resultado, em um paradigma de habituação, Lewcowicz e Turkewitz (1980) "perguntaram" a bebês com três semanas de idade que níveis de intensidade de luz (luminescência de luz branca) correspondiam melhor a certos níveis de intensidade de som (decibéis de ruído branco). O bebê estava habituado a um nível de som, e então foram feitas tentativas de desabituação com vários níveis de luz, e vice-versa. Em essência, os resultados revelaram que esses jovens bebês realmente achavam que certos níveis absolutos de intensidade de som correspondiam a níveis específicos absolutos de intensidade de luz. Além disso, as combinações de nível de intensidade entre modos que os bebês acharam ser os mais correspondentes foram as mesmas combinações que os adultos escolheram. Assim, a habilidade de realizar combinações audiovisuais modais cruzadas do nível absoluto de intensidade parece estar bem dentro da capacidade dos bebês com três semanas de idade.

E com relação ao tempo? No presente, poucos experimentos relacionam-se diretamente à questão de se os bebês podem traduzir informações temporais através de modalidades perceptuais (veja Allen e colaboradores, Demany e colaboradores,1977; Humprey e colaboradores, 1979; Wagner e Sakowitz, 1983; Lewcowicz; e Morrongiello, 1984). Utilizando a velocidade cardíaca e o comportamento como as medidas respondentes, esses investigadores mostraram que os bebês reconhecem que um padrão temporal auditivo corresponde a um padrão temporal visualmente apresentado. É quase certo que em futuro próximo haverá muito mais desses experimentos demonstrando as capacidades dos bebês de transferir, intermodalmente, as propriedades de duração, batimento e ritmo, conforme definidas especificamente. Essas propriedades temporais são prontamente percebidas em todas as modalidades e são excelentes candidatas como propriedades de experiências que podem ser transferidas cruzada-modalmente, porque está se tornando mais claro que o bebê desde cedo na vida é perfeitamente sensível e sensitivo aos aspectos temporais do ambiente (Stern e Gibson, 1978; DeCasper, 1980; Miller e Byrne, 1984).

De todas essas transferências de propriedades entre modos, a mais difícil de imaginar é como um bebê poderia ser capaz de transferir informações sobre forma, através dos modos visual e auditivo. A forma usualmente não é concebida como um evento acústico; a transferência da forma é mais fácil de imaginar através dos modos tátil e visual. Mas a própria fala, em uma situação natural, é uma configuração visual, assim como acústica, porque os lábios se movem. A inteligibilidade aumenta consideravelmente quando os lábios podem ser vistos. Por volta de seis semanas, os bebês tendem a olhar mais estreitamente para rostos que falam (Haith, 1980). Além disso, quando o som real produzido está em conflito com os movimentos dos lábios observados, a informação visual predomina em relação à auditiva. Em outras palavras, nós ouvimos aquilo que *vemos*, não aquilo que é dito (McGurk e MacDonald, 1976)(5).

A questão então parece irresistível: podem os bebês reconhecer a correspondência entre os sons de fala apresentados auditivamente e visualmente? Isto é, podem eles detectar a correspondência entre a configuração de um som conforme ouvido e a configuração dos movimentos articulatórios da boca que produzem o som conforme visto? Dois laboratórios separados, trabalhando simultaneamente neste problema, forneceram uma resposta positiva (MacKain e colegas, 1981; Kuhl e Meltzoff, 1982). Os dois experimentos utilizavam um paradigma similar, mas estímulos diferentes. Ambos apresentaram ao bebê dois rostos, vistos simultaneamente. Um dos rostos articulava um som e o segundo um som diferente, mas somente um dos dois sons era produzido realmente para que o bebê ouvisse. A questão era se o bebê olharia para o rosto "certo". MacKain e colaboradores utilizaram uma variedade de dissílabas como estímulo (mama, lulu, baby, zuzu), enquanto Kuhl e Meltzoff usaram vogais simples "ah" e "ee". Ambos os experimentos descobriram que os bebês realmente reconheciam as correspondências audiovisuais(6). Os resultados concordantes dos dois experimentos fortalecem grandemente o achado.

E sobre a sensação dos próprios movimentos ou posição, isto é, a modalidade de propriocepção? Em 1977, foi mostrado que bebês de três semanas de idade imitariam um modelo adulto colocando suas línguas para fora e abrindo suas bocas (Meltzoff e Moore, 1977). Embora a habilidade de realizar essas imitações precoces tenha sido observada previamente e comentada (Maratos, 1973; Uzgiris, 1974; Trevarthan, 1977), não foram feitas as mais fortes inferências possíveis — isto é, que havia uma correspondência inata entre aquilo que os bebês viam e aquilo que eles faziam. Experimentos subseqüentes mostraram que mesmo a protusão de um lápis ou algo parecido poderia produzir também a protusão da língua do bebê.

Mais tarde, a questão foi removida para a esfera da expressão do afeto. Field e colaboradores (1982) relataram que bebês recém-nascidos, com dois dias de idade, imitariam, com segurança, um modelo adulto tanto sorrindo,

franzindo a testa ou mostrando uma expressão de surpresa. Os problemas apresentados por esses achados são múltiplos. Como os bebês "sabem" que têm um rosto ou traços faciais? Como eles "sabem" que o rosto que vêem é algo semelhante ao rosto que eles têm? Como eles sabem que as configurações específicas daquele outro rosto, somente visto, correspondem às mesmas configurações específicas de seu próprio rosto apenas sentido, proprioceptivamente, e jamais visto? A quantidade de fluência modal cruzada, em termos da predisposição, é extraordinária. Esse é um caso especial, no entanto, porque não sabemos se a resposta do bebê é imitativa ou semelhante a um reflexo. Será que a visão de uma configuração visual específica do rosto do outro corresponde a uma configuração proprioceptiva no próprio rosto de bebê? Neste caso, poderíamos falar sobre correspondência modal cruzada (visão-propriocepção). Ou será que a configuração específica do rosto do outro aciona um programa motor específico para realizar o mesmo ato? Neste caso, estamos falando sobre um específico estímulo liberador social inato. No presente, não é possível fazer uma escolha definitiva (veja Burd e Milewsky, 1981).

Assim, os bebês parecem ter uma capacidade geral inata, que pode ser chamada *percepção amodal*, de tomar a informação recebida em uma modalidade sensorial e de alguma maneira traduzí-la para uma outra modalidade sensorial. Nós não sabemos como eles realizaram essa tarefa. A informação provavelmente não é experienciada como pertencendo a qualquer modo sensorial particular. Mais provavelmente, ela transcende o modo ou canal e existe em alguma forma desconhecida supramodal. Não é, então, uma simples questão de uma tradução direta entre as modalidades. Ao contrário, envolve uma codificação em uma *representação* amodal ainda misteriosa, que então pode ser reconhecida em qualquer um dos modos sensoriais.

Os bebês parecem experienciar um mundo de unidade perceptual, em que eles podem perceber qualidades amodais em qualquer modalidade de qualquer forma de comportamento expressivo humano, representar essas qualidades abstratamente e então transportá-las para outras modalidades. Essa posição foi fortemente defendida por desenvolvimentalistas como Bower (1974), Moore e Meltzoff (1978) e Meltzoff (1981), que afirmam que o bebê, desde os primeiros dias de vida, forma e influencia representações abstratas das qualidades da percepção. Essas representações abstratas que o bebê experiencia não são visões e sons e toques e objetos nomeáveis, mas ao contrário, formas, intensidades e padrões temporais — as qualidades mais "globais" da experiência. E a necessidade e habilidade de formar representações abstratas das qualidades primárias da percepção e de influenciá-las começa no início da vida mental; não é a culminação ou um marco do desenvolvimento atingido no segundo ano de vida.

Como a percepção amodal poderia contribuir para um senso de um eu emergente ou um senso de um outro emergente? Tomem a experiência que o bebê tem do seio da mãe como um exemplo. Será que o bebê experiencia

inicialmente dois "seios" não-relacionados, o "seio sugado" e o "seio visto"? Uma explicação piagetiana teria dito que sim, como a maioria das explicações psicanalíticas, uma vez que elas adotaram os pressupostos piagetianos ou associacionistas. A presente explicação diria que não. O seio emergiria como uma experiência já integrada do (uma parte do) outro, a partir da união não-aprendida das sensações visuais e táteis. O mesmo é verdadeiro em relação ao dedo ou mão fechada do bebê, conforme vistos e sugados, assim como em relação a muitas outras experiências comuns de eu e outro. Os bebês não precisam de experiências repetidas para começarem a formar algumas das partes de um eu e outro emergentes. Eles estão predispostos a formar certas integrações.

Embora as percepções amodais ajudem o bebê a integrar experiências potencialmente diversas de eu e outro, o senso de um eu emergente se refere não apenas ao produto, mas também ao processo de integração, como vimos anteriormente. Fundamentalmente, o seio visto e o seio sugado tornar-se-ão relacionados, seja por percepção amodal, por assimilação de esquemas ou por associação repetida. Como seria a experiência particular da integração amodalmente derivada, como uma experiência emergente, comparada com uma integração efetuada por assimilação ou associação? Cada processo de relacionar eventos diversos pode constituir uma experiência emergente diferente e característica.

Por exemplo, a experiência real de olhar pela primeira vez para alguma coisa que, com base em como era sentida pelo toque, deveria ser de certa maneira e ver que ela, na verdade, é dessa maneira é algo parecido com uma experiência de *déjà vu*. O bebê, presumivelmente, não antecipa como será o objeto e por essa razão não tem uma experiência de confirmação cognitiva. Muitos diriam que tal experiência passaria totalmente despercebida, ou que, no máximo, seria registrada não-especificamente como "tudo certo", com funcionamento fácil, sem problemas. Eles iriam ainda sugerir que a experiência assumiria qualidades específicas somente se a visão não confirmasse a informação tátil — novamente uma perspectiva cognitiva em relação à questão. Sugiro que em um nível pré-verbal (fora da consciência) a experiência de descobrir uma combinação modal cruzada (especialmente na primeira vez) seria como uma correspondência ou impregnação da presente experiência com alguma coisa anterior ou familiar. A experiência presente pareceria relacionada de alguma forma com uma outra experiência. Essa primitiva forma de um evento *déjà vu* é muito diferente do processo de fazer ligações associativas, que podem ter mais a qualidade de uma descoberta — que duas coisas já percebidas pertencem uma à outra. É provável que nesse domínio da experiência emergente haja também a experiência de premonição de um futuro escondido, no processo de revelar uma estrutura que apenas pode ser sentida obscuramente. É grandemente necessária uma tipologia de tais eventos em nível experiencial, ao invés de em nível conceitual.

Percepção "fisionômica"

Heinz Werner (1948) propôs uma forma diferente de percepção amodal no jovem bebê, que ele chamou de percepção "fisionômica". Na visão de Werner, as qualidades amodais que são diretamente experienciadas pelo bebê são afetos categóricos e não qualidades perceptuais como forma, intensidade e número. Por exemplo, uma simples linha bidimensional, ou uma cor, ou um som, é percebido como feliz ( ), triste ( ) ou zangado ( ). O afeto age como o curso supramodal em que a estimulação em qualquer modalidade pode ser traduzida. Existe também um tipo de percepção amodal, uma vez que uma experiência de afeto não se destina a nenhuma modalidade de percepção. Todos nós nos empenhamos em "sentir a percepção" — mas isso é freqüente, contínuo ou de alguma outra maneira? É provável que seja um componente (embora usualmente inconsciente) de cada ato de percepção. Seu mecanismo, no entanto, permanece um mistério, assim como o mecanismo da percepção modal em geral. Werner sugeriu que ele surgia da experiência com o rosto humano, por isso o nome percepção "fisionômica". Até o momento não há nenhuma evidência empírica, apenas especulação, a respeito de sua existência ou natureza nos jovens bebês.

"Afetos de vitalidade"

Até agora consideramos duas maneiras pelas quais o bebê experiencia o mundo em volta dele. Os experimentos sobre capacidades modais cruzadas sugerem que algumas propriedades das pessoas e coisas, tais como forma, nível de intensidade, movimento, número e ritmo são experienciadas diretamente como qualidades globais, amodais. E Werner sugere que alguns aspectos das pessoas e coisas serão experienciados diretamente como afetos categóricos (zangado, triste, feliz e assim por diante).

Há uma terceira qualidade da experiência que pode surgir diretamente dos encontros com pessoas, uma qualidade que envolve afetos de vitalidade. O que queremos dizer com isso e por que é necessário acrescentar um novo termo para certas formas da experiência humana? É necessário porque muitas qualidades de sensação existentes não se ajustam ao nosso léxico ou taxionomia de afetos existentes. Essas qualidades indefiníveis são mais bem capturadas por termos dinâmicos, cinéticos, tais como "surgindo", "desaparecendo", "passando rapidamente", "explosivo", "crescendo", "decrescendo", "explodindo", "prolongado" e assim por diante. Essas qualidades da experiência são, com toda certeza, sensíveis para os bebês e de grande importância cotidiana, até momentânea. São essas sensações que serão eliciadas por mudanças nos estados motivacionais, apetites e tensões. A filósofa Suzanne Langer (1967) insistiu em que em qualquer experiência próxima à psicologia, deve ser dada grande atenção às muitas "formas de sensação" inextrincavelmente envolvi-

das com todos os processos vitais da vida, tais como respirar, ficar com fome, eliminar, adormecer ou acordar, ou sentir o ir e vir das emoções e pensamentos. As diferentes formas de sensação eliciadas por esses processos vitais influenciam o organismo a maior parte do tempo. Nós jamais ficamos sem sua presença, estejamos ou não conscientes delas, enquanto os "afetos" regulares vêm e vão.

O bebê experiencia essas qualidades interiormente, assim como no comportamento de outras pessoas. Diferentes sentimentos de vitalidade podem ser expressados em inúmeros atos parentais que não se qualificam como atos afetivos "regulares": como a mãe ergue o bebê, troca as fraldas, arruma seu cabelo ou o cabelo do bebê, busca a mamadeira, desabotoa sua blusa. O bebê está imerso nesses "sentimentos de vitalidade". Examiná-los melhor nos permitirá enriquecer os conceitos e o vocabulário, excessivamente empobrecidos para nossos propósitos presentes, que nós aplicamos a experiências não-verbais.

Uma primeira pergunta é: por que essas importantes experiências não se ajustam aos termos e conceitos de teorias do afeto já existentes? Usualmente pensamos sobre a experiência afetiva em termos de categorias distintas de afeto — felicidade, tristeza, medo, raiva, desgosto, surpresa, interesse, e talvez vergonha, e suas combinações. Foi uma grande contribuição de Darwin (1892) postular que cada uma delas tinha uma manifestação facial distinta inata e uma qualidade distinta de sentimento e que esses padrões inatos se desenvolviam como sinais sociais "compreendidos" por todos os membros para aumentar a sobrevivência das espécies(7). Cada categoria distinta de afeto é também geralmente considerada como experienciada em pelo menos duas dimensões comumente aceitas: *ativação e tom hedônico*. A ativação refere-se à quantidade de intensidade ou urgência da qualidade do sentimento, enquanto o tom hedônico se refere ao grau em que a qualidade do sentimento é agradável ou desagradável(8).

Os afetos de vitalidade não se ajustam facilmente a essas atuais teorias do afeto, e por essa razão requerem um nome separado. No entanto, eles definitivamente são sentimentos e pertencem ao domínio da experiência afetiva. Eles serão chamados, experimentalmente, de *afetos de vitalidade*, para distinguí-los dos *afetos categóricos* tradicionais ou darwinianos de raiva, alegria, tristeza e assim por diante.

Os afetos de vitalidade ocorrem tanto na presença quanto na ausência dos afetos categóricos. Por exemplo, uma "sobrecarga" de raiva ou de alegria, uma inundação de luz percebida, uma seqüência acelerada de pensamentos, uma imensurável onda de sentimento despertada por uma música e uma injeção de narcóticos podem todos ser sentidos como "sobrecargas". Todos eles compartilham, invólucros similares de descargas neurais, embora em diferentes partes do sistema nervoso. A qualidade sentida de qualquer

uma dessas mudanças semelhantes é o que eu chamo de afeto de vitalidade de uma "sobrecarga".

A expressividade desse tipo não está limitada aos sinais de afeto categórico. Ela é inerente a todo comportamento. Vários contornos de ativação ou afetos de vitalidade podem ser experienciados não apenas durante a realização de um sinal categórico, tal como um sorriso "explosivo", mas também em um comportamento que não tem nenhum valor de sinal de afeto categórico inerente; por exemplo, podemos ver alguém levantar "explosivamente" de uma cadeira. Não sabemos se a explosividade ao levantar se devia à raiva, surpresa, alegria ou medo. A explosividade poderia estar ligada a qualquer uma dessas qualidades darwinianas de sentimento, ou a nenhuma delas. A pessoa poderia ter levantado da cadeira sem nenhuma categoria específica de afeto, mas com um rompante de determinação. Existem milhares de sorrisos, milhares de levantar-se-de-cadeiras, milhares de variações na realização de todo e qualquer comportamento, e cada um deles apresenta um afeto de vitalidade diferente.

A expressividade dos afetos de vitalidade pode ser comparada à de um *show* de marionetes. As marionetes possuem pouca ou nenhuma capacidade de expressar categorias de afeto através de sinais faciais, e seu repertório de sinais de afeto convencionalizados gestuais ou posturais usualmente é pobre. É através da maneira como elas se movem em geral que inferimos os diferentes afetos de vitalidade a partir dos contornos de ativação traçados por elas. Na maior parte das vezes, os caracteres das diferentes marionetes são largamente definidos em termos de afetos de vitalidade particulares; uma pode estar letárgica, com membros pendentes e cabeça pendurada; uma outra enérgica e ainda uma outra animada.

A dança abstrata e a música são exemplos, por excelência, da expressividade dos afetos de vitalidade. A dança revela ao espectador-ouvinte múltiplos afetos de vitalidade e suas variações, sem recorrer à trama ou aos sinais de afeto categórico dos quais os afetos de vitalidade podem ser derivados. O coreógrafo, na maior parte das vezes, está tentando expressar uma maneira de sentir, não um conteúdo específico de sentimento. Esse exemplo é particularmente instrutivo porque o bebê, quando observa um comportamento parental que não possui uma expressividade intrínseca (isto é, nenhum sinal de afeto darwiniano), pode estar na mesma posição do espectador de uma dança abstrata ou do ouvinte de música. A maneira como é realizado o ato de um progenitor expressa um afeto de vitalidade, seja ou não esse ato algum afeto categórico (ou parcialmente colorido por algum afeto categórico).

Podemos prontamente imaginar, de fato, que o bebê inicialmente não percebe atos manifestos, como os adultos percebem. (Esse ato é a busca da mamadeira. Aquele ato é o desdobramento de uma fralda.) Pelo contrário, é muito mais provável que o bebê perceba diretamente e comece a categorizar os atos em termos dos afetos de vitalidade que eles expressam. Como a dança

para o adulto, o mundo social experienciado pelo bebê é primariamente um mundo de afetos de vitalidade antes de ser um mundo de atos formais. Ele também é análogo ao mundo físico da percepção amodal, que é primariamente um mundo de qualidades abstraíveis de forma, número, nível de intensidade e assim por diante, não um mundo de coisas vistas, ouvidas ou tocadas.

Uma outra razão para separar os afetos de vitalidade dos afetos categóricos é que eles não podem ser adequadamente explicados pelo conceito de nível de ativação. Na maioria dos relatos acerca dos afetos e suas dimensões, o que aqui é chamado de afetos de vitalidade poderia ser incluído na dimensão invariável, que serve ao mesmo tempo para muitas finalidades, do nível de ativação ou excitação. Ativação e excitação certamente ocorrem, mas não são experienciadas simplesmente como sentimentos em algum lugar ou em algum ponto dessa dimensão. Elas são experienciadas como mudanças dinâmicas ou padronizadas dentro de nós mesmos. Podemos utilizar a dimensão de excitação-ativação apenas como um índice geral de nível de excitação-ativação. Precisamos acrescentar uma categorização inteiramente nova desse aspecto da experiência, isto é, os afetos de vitalidade que correspondem a mudanças padronizadas características. Essas mudanças, padronizadas através do tempo, ou contornos de ativação, são subjacentes aos distintos afetos de vitalidade(9).

Uma vez que os contornos de ativação (tais como as "sobrecargas" de pensamento, sentimento ou ação) podem aplicar-se a qualquer tipo de comportamento ou sensibilidade, um contorno de ativação pode ser abstraído de um tipo de comportamento e pode existir em alguma forma amodal, de modo a poder aplicar-se a um outro tipo de comportamento manifesto ou processo mental(10). Essas representações abstratas podem então permitir que sejam feitas correspondências intermodais entre contornos de ativação similares expressados em diversas manifestações comportamentais. Eventos extremamente diversos podem assim ser reunidos, na medida em que compartilham a qualidade de sentimento que está sendo chamada de afeto de vitalidade. Um exemplo de tal correspondência pode ser a base para uma metáfora, como é visto na novela *Moll Flanders*, de Defoe. Quando a heroína é finalmente apanhada e aprisionada após uma vida de crimes, ela diz: "Eu não tinha... nenhuma idéia de céu ou inferno, que fosse ao menos um pouco além de um mero toque fugidio..." ([New York: Signet Classics, 1964], p. 247). O contorno de ativação de sua ideação a lembra do contorno de ativação de uma sensação física particular, um toque fugaz. E eles evocam o mesmo afeto de vitalidade.

Se os jovens bebês experienciam afetos de vitalidade, como está sendo sugerido, eles estarão amiúde em uma situação análoga à de *Moll Flanders*, em que uma variedade de experiências sensoriais diversas com contornos de ativação similares podem ser reunidas — isto é, podem ser experienciadas como correspondentes e, dessa forma, como criando organização. Por exem-

plo, ao tentar acalmar o bebê, o progenitor poderia dizer: "Calma, calma, calma...", dando mais ênfase e amplitude à primeira parte da palavra e arrastando o seu final. Alternativamente, o progenitor poderia acariciar silenciosamente as costas ou a cabeça do bebê, com uma carícia análoga à seqüência "calma, calma", aplicando maior pressão no início da carícia e tornando-a mais leve e demorada no final. Se a duração da carícia contornada e das pausas entre os afagos tivessem a mesma duração absoluta e relativa do padrão vocalização-pausa, o bebê iria experienciar contornos de ativação similares, independentemente da técnica tranqüilizadora que fosse aplicada. As duas maneiras de tranqüilizar iriam parecer iguais (além de sua especificidade sensorial) e resultariam na mesma experiência de afeto de vitalidade.

Se isso ocorresse assim, o bebê estaria avançando no processo de experienciar um outro emergente. Em vez de uma mãe distinta que acaricia e de uma segunda e separada mãe "calma, calma", o bebê iria experienciar somente um único afeto de vitalidade nas atividades tranqüilizadoras — uma "mãe afetiva de vitalidade tranqüilizadora". Dessa maneira, a experiência amodal dos afetos de vitalidade, assim como as capacidades para a combinação modal cruzada das formas percebidas, iria aumentar grandemente o progresso do bebê em direção à experiência de um outro emergente(11).

A noção de contornos de ativação (como o aspecto subjacente dos afetos de vitalidade) sugere uma possível resposta para a misteriosa questão do que consiste a representação amodal, quando ela permanece abstraída de qualquer forma particular de percepção. A representação amodal poderia consistir em um padrão temporal de mudanças na densidade da descarga neural. Fosse o objeto encontrado com os olhos ou o toque, e talvez até com o ouvido, ele produziria o mesmo padrão global ou contorno de ativação.

A noção de afetos de vitalidade pode ser útil para imaginarmos algumas das experiências do bebê ao formar organização ainda de uma outra maneira. A consolidação do esquema sensório-motor oferece uma ilustração. O esquema polegar-na-boca é uma boa ilustração, uma vez que ocorre muito cedo. Seguindo a sugestão de Sameroff (1984), podemos descrever a consolidação inicial do esquema polegar-na-boca como algo semelhante a isso. O bebê, inicialmente, move sua mão em direção à boca de uma maneira mal coordenada, frouxamente dirigida, espasmódica. Todo o padrão — polegar-na-boca — é um padrão comportamental intrinsecamente motivado, específico da espécie, que tende a se completar e a funcionar facilmente, tendo isso como objetivos. Durante a parte inicial de uma tentativa bem-sucedida, enquanto o polegar está se aproximando, mas ainda não está na boca, o padrão está incompleto e há uma excitação aumentada. Quando o polegar finalmente encontra seu caminho para a boca, há um declínio na excitação, porque o padrão foi consumado e o "funcionamento fácil" da sucção (um esquema já consolidado) passa a ocorrer. Juntamente com a diminuição na excitação há uma mudança relativa para um tom hedônico positivo pela retomada do fun-

exemplo do polegar.

cionamento fácil. Esse polegar-achando-a-boca e boca-achando-o-polegar ocorre repetidas vezes até funcionar facilmente, isto é, até que a adaptação do padrão seja realizada através da assimilação/acomodação do esquema sensório-motor. Quando isso acontecer e o esquema estiver completamente consolidado, o comportamento polegar-na-boca não será mais acompanhado por mudanças hedônicas e de excitação. Ele então acontece despercebido, como um "funcionamento fácil". Mas durante as tentativas iniciais, quando o esquema ainda está sendo consolidado, o bebê experiencia, para cada tentativa precariamente bem-sucedida, um contorno ou desenvolvimento de excitação específicos, enquanto a mão está incertamente encontrando seu caminho para a boca, e um declínio na excitação e uma mudança no tom hedônico, quando a mão é encontrada e segurada. Em outras palavras, cada tentativa de consolidação é acompanhada por um afeto de vitalidade característico associado a sensações no braço, mão, polegar e boca — todas conduzindo à consumação.

O produto desse desenvolvimento — um esquema polegar-na-boca funcionando facilmente —, uma vez formado, pode passar despercebido. Mas o processo de formação, ele próprio, será bastante saliente e o foco de uma atenção aumentada. Essa é uma experiência de organização em formação. Esse exemplo não é diferente, em princípio, do caso mais familiar do desenvolvimento da fome (tensão, excitação), consumação no ato de alimentar (redução da excitação e mudança hedônica) e as sensações e percepções acerca do eu e outros. Todavia, o caso do polegar-na-boca é diferente, pois se relaciona a um esquema sensório-motor, não a um estado de necessidade fisiológica, sua motivação é conceitualizada de modo um pouco diferente e, mais importante para nossos propósitos, origina um afeto de vitalidade diferente associado a diferentes partes do corpo e diferentes contextos.

Há muitos esquemas sensório-motores diferentes que precisam ser adaptados, e o processo de consolidação para cada um deles envolve uma experiência subjetiva de afetos de vitalidade de certa forma diferentes, associados a diferentes partes do corpo e a sensações em diferentes contextos. São essas experiências subjetivas, de várias organizações em formação, que eu estou chamando de senso de um eu emergente. As experiências particulares de consolidação de um esquema sensório-motor pode ter mais da qualidade de resolução de tensão do que de *déjà vu* ou descoberta, como já foi descrito para alguns dos outros sensos de um eu emergente.

Nós, agora, já examinamos três processos envolvidos na formação de um senso de um eu e outro emergentes: percepção amodal, percepção fisionômica e a percepção dos afetos de vitalidade correspondentes. Todos os três são formas de percepção direta, "global", em que a reunião de diversas experiências é acompanhada por experiências subjetivas distintas. Todavia, essa não é a única maneira pela qual o mundo de experiências relacionadas vem a existir. Existem também processos construcionistas que oferecem ao

bebê diferentes maneiras de experienciar um eu e outro emergentes. Esses processos estão associados a uma abordagem diferente da experiência do bebê, mas que é complementar à abordagem recém discutida.

Abordagens construcionistas das experiências sociais relacionadas

A visão construcionista supõe que o bebê inicialmente percebe a forma humana como um de muitos conjuntos de estímulo físico, essencialmente não-diferente de vários outros conjuntos, tais como janelas, berços e móbiles. Ela supõe também que o bebê detecta primeiro elementos característicos distintos das pessoas: tamanho, movimento ou linhas verticais. Esses elementos característicos, que poderiam por eles próprios pertencer a qualquer conjunto de estímulos, são então progressivamente integrados até que uma configuração, uma forma integral, seja sintetizada em uma entidade maior construída — primeiro, um rosto, e, gradualmente, uma forma humana.

Os processos que formam a visão construcionista são a assimilação, acomodação, invariantes identificadores e aprendizagem associativa. A emergência do senso de eu é descrita, por conseqüência, mais em termos de descobertas sobre as relações entre experiências distintas, previamente conhecidas, do que em termos do próprio processo. Embora a aprendizagem, de uma forma ou outra, seja o processo subjacente de uma abordagem construcionista, o que pode e vai ser aprendido está canalizado por predileções inatas comuns às espécies. Os seres humanos nascem com preferências ou tendências para prestarem atenção a aspectos específicos dentro de um conjunto de estímulos. Isso é verdade para a estimulação em qualquer modalidade sensorial. Há uma seqüência no desenvolvimento em que o bebê detecta ou acha mais saliente aspectos diferentes em diferentes idades. Essa progressão é mais bem estudada na visão. Do nascimento aos dois meses, os bebês têm a tendência a buscar os aspectos de estímulo do movimento (Haith, 1966), tamanho e densidade de contorno, o número de elementos de contorno por unidade de área (Kessen e colaboradores, 1970; Karmel, Hoffman e Fegy, 1974; Salapatek, 1975). Depois dos dois meses de idade, a curvatura, simetria, complexidade, novidade, aperiodicidade e, fundamentalmente, configurações (formas) se tornam aspectos de estímulo mais salientes (Veja Hainline, 1978; Haith, 1980; Sherrod, 1981; Bronson, 1982).

Os bebês também chegam ao mundo com estratégias de atenção (coleta de informações potencial) que têm seu próprio desdobramento maturacional. Novamente, elas foram mais bem estudadas na visão. Até os dois meses de idade, os bebês examinam a periferia ou as bordas dos objetos. Depois dessa idade, eles começam a mudar seu olhar para ver os aspectos internos (Salapatek, 1975; Haith e colaboradores, 1977; Hainline, 1978). Quando o objeto é um rosto, há duas importantes exceções para essa progressão geral de estratégia

de atenção. Quando alguma estimulação auditiva, como o falar, é acrescentada, mesmo os bebês com menos de dois meses tendem a mudar seu olhar da periferia para os aspectos internos do rosto (Haith e colaboradores, 1977). A mesma tendência foi observada quando há movimento dos aspectos faciais (Donee, 1973).

Utilizando essa informação para predizer como o rosto humano será experienciado em termos construcionistas, podemos predizer aproximadamente a progressão seguinte. Durante os primeiros dois meses, os bebês não devem achar o rosto diferente de outros objetos que se movem, que têm aproximadamente o mesmo tamanho, e que têm uma densidade de contorno semelhante. Os bebês iriam adquirir muita familiaridade com os aspectos que formam as áreas de fronteira, tais como a linha dos cabelos, mas pouca familiaridade com os aspectos internos do rosto: os olhos, nariz, boca — em resumo, todos os aspectos que tomados juntos formam sua configuração ou "qualidade de ser um rosto". Após os dois meses, mais ou menos, quando a estratégia de atenção muda para um esquadrinhamento interno, os bebês primeiro prestariam atenção àqueles aspectos com maior quantidade de propriedades de estímulo preferidas por eles: curvatura, contraste, simetria vertical, ângulos, complexidade e assim por diante. Essas preferências os levariam a primeiro prestar atenção aos olhos, depois à boca e por último ao nariz. Após considerável experiência com esses aspectos e seus relacionamentos espaciais invariantes, eles teriam construído um esquema ou identificado os invariantes da configuração que designa a "qualidade de ser um rosto".

Na verdade, é prontamente demonstrável que pela idade de cinco a sete meses os bebês podem lembrar, por mais de uma semana, o quadro de um rosto particular que foi visto apenas uma vez e por menos de um minuto (Fagan, 1973, 1976). Essa proeza de memória de reconhecimento a longo prazo requer a representação da forma única de um rosto particular. É improvável que isso seja feito com base no reconhecimento das feições. O fato de que os rostos produzem sons e de que suas partes internas se movem ao falar e expressar, deveria empurrar o horário construcionista para um momento anterior, mas não muda a seqüência em que a construção da percepção da forma progride.

Essa abordagem construcionista poderia ser aplicada igualmente bem à audição, tato e outras modalidades da estimulação humana. Se aceitamos o quadro e horário construcionista para o primeiríssimo encontro perceptual com estímulos humanos, teríamos que concluir que o bebê não está relacionado de qualquer maneira única ou distinta a outras pessoas. O relacionar-se interpessoal ainda não existe como distinto do relacionar-se com coisas. O bebê é associal, mas em virtude de ser indiscriminado, não em virtude de ser irresponsivo, conforme sugerido pelas formulações psicanalíticas de uma barreira de estímulos que protege o bebê durante os primeiros meses de vida. Podemos entreter a noção do relacionar-se com propriedades ou aspectos de estímulos isolados, mas em verdade essa é uma noção frágil. A idéia do

relacionar-se com círculos ou esferas (ou com "objetos parciais", em termos psicanalíticos) não parece nos levar longe no domínio do interpessoal.

O problema, então, é como e quando essas construções se tornam relacionadas à subjetividade humana, de modo a emergirem os eus e os outros? Antes de lidar com esse problema, devemos observar que algumas evidências sugerem que os bebês jamais experienciam qualquer forma humana saliente (rosto, voz, seio) como nada mais do que um conjunto de estímulos físicos particulares entre outros, mas ao contrário, que eles experienciam as pessoas como formas únicas desde o início. As evidências são de vários tipos: (1) por volta de um mês de idade, os bebês realmente mostram apreciar aspectos mais globais (não feições) do rosto humano, como animação, complexidade e até mesmo configuração (Sherrod, 1981); (2) os bebês olham atentamente, de modo diferente, quando examinam rostos vivos e quando observam formas geométricas. Eles são menos capturados por elementos característicos únicos e esquadrinham mais fluidamente durante esses primeiros meses (Donee, 1973); (3) quando examinando rostos vivos, os recém-nascidos agem de modo diferente de quando examinando padrões inanimados. Eles movem seus braços e pernas e abrem e fecham suas mãos em ciclos de movimento mais suave, mais regulado, menos espasmódico. Eles também emitem mais vocalizações (Brazelton e colaboradores, 1974, 1980); (4) os achados de Field e colaboradores (1982), de que bebês de dois ou três dias de vida podem discriminar e imitar sorrisos, cenhos franzidos e expressões de surpresa vistos no rosto de um interatuante vivo, indica claramente que o bebê não apenas está percebendo aspectos faciais internos, mas parece estar discriminando algumas de suas configurações diferentes[12]; (5) o reconhecimento do rosto ou da voz de um indivíduo específico é uma evidência que apóia algum tipo de especialidade vinculada aos estímulos daquela pessoa. Há evidências convincentes de que o neonato pode discriminar a voz da mãe da voz de uma outra mulher lendo exatamente o mesmo material (DeCasper e Fifer, 1980)[13]. As evidências quanto ao reconhecimento de rostos individuais antes dos dois meses é menos segura. Muitos pesquisadores continuam a encontrá-las, mas um grande número, não (veja Sherrod, 1981). Apesar dessas qualificações da visão construcionista, há muito pouca dúvida de que os bebês realmente constróem relacionamentos assim como os percebem diretamente.

ABORDAGENS PARA UM ENTENDIMENTO DA EXPERIÊNCIA SUBJETIVA DO BEBÊ

A percepção amodal (baseada nas qualidades abstratas da experiência, incluindo afetos distintos e afetos de vitalidade) e os esforços construcionistas (baseados na assimilação, acomodação, associação e identificação de inva-

riantes) são então os processos pelos quais o bebê experiencia a organização. Embora esses processos tenham sido estudados principalmente na percepção, eles se aplicam igualmente à formação da organização em todos os domínios da experiência: atividade motora, afetividade e estados de consciência. Eles também se aplicam à reunião das experiências em diferentes domínios (sensorial com motor, ou perceptual com afetivo, e assim por diante).

Um dos problemas mais difundidos no entendimento dos bebês continua sendo a dificuldade de encontrar conceitos e linguagem unificadores, que incluam a formação da organização como ela ocorre nos vários domínios da experiência. Por exemplo, quando falamos sobre a reunião de diversas percepções para formar percepções de ordem mais elevada, podemos falar em termos cognitivos. Quando falamos sobre a reunião da experiência sensorial e da experiência motora, podemos adotar o sistema conceitual de Piaget e falar em termos de esquemas sensório-motores. Quando falamos sobre a reunião das experiências perceptual e afetiva, dependemos de conceitos mais experienciais que estão menos sistematizados, como aqueles empregados na psicanálise. Todas essas reuniões precisam valer-se dos mesmos processos básicos que discutimos, embora tendamos a agir como se a formação da organização seguisse suas próprias leis únicas em cada domínio da experiência. E em certa extensão pode ser assim. Mas o que há de comum provavelmente é muito maior do que as diferenças.

Não há nenhuma razão para dar primazia a qualquer domínio da experiência e torná-lo o ponto de partida para abordar a organização que o bebê faz da experiência. Podem ser descritas várias abordagens, todas elas válidas e todas elas igualmente "primárias"(14).

As ações do bebê. Esse é o caminho implícito no trabalho de Piaget. A ação e as sensações autogeradas são as experiências primárias. A propriedade emergente das coisas, no início, é um amálgama de ação-sensação, em que o objeto é primeiro construído na mente por meio das ações realizadas sobre ele; por exemplo, há coisas que podem ser agarradas e coisas que podem ser sugadas. Enquanto aprende sobre o mundo, o bebê necessariamente identifica muitos invariantes da experiência subjetiva das ações autogeradas e auto-sensações — em outras palavras, das experiências de eu emergente.

Prazer e desprazer (tom hedônico). Esse é o caminho que Freud explorou inicialmente. Ele afirmou que o aspecto da experiência humana mais saliente e único é a experiência subjetiva de prazer (redução de tensão) e desprazer (desenvolvimento da tensão ou excitação). Esse é o pressuposto básico do princípio do prazer. Ele supunha que as percepções visuais do ambiente, tais como o seio ou o rosto, ou sensações táteis ou cheiros associados a prazeres (tal como a alimentação) ou desprazer (tal como a fome) tornavam-se imbuídos de afeto. É dessa maneira que as experiências afetivas e perceptuais são reunidas. Superficialmente, essa é uma visão associacionista, mas a versão de Freud dessa visão era levemente diferente. Os afetos não apenas tornam as percepções relevantes por meio da associação; eles também proporcionam o ingresso de admissão para que as percepções cheguem a entrar na mente. Sem a experiência de tom hedônico, nenhu-

ma percepção seria registrada. O tom hedônico foi para Freud o que a ação autogerada foi para Piaget. Ambos "criaram" percepções como fenômenos mentais e reuniram essas percepções às experiências primárias.

Será que os bebês experienciam o tom hedônico nos primeiros meses de vida? Quando observamos um bebê em sofrimento ou em contentamento, achamos muito difícil não acreditar nisso. Emde (1980a, 1980b) postulou que o tom hedônico é a primeira experiência do afeto. Os biólogos geralmente aceitaram que de um ponto de vista evolucionista, a dor e o prazer ou a aproximação e o afastamento deveriam ser as experiências afetivas primárias, por seu valor para a sobrevivência. Além disso, a evolução baseou a experiência das categorias de afeto sobre a fundação do tom hedônico (Schneirla, 1965; Mandler, 1975; Zajonc, 1980). Emde e colaboradores (1978) sugerem que a ontogenia pode recapitular a filogenia na progressão da experiência afetiva. A essa luz, é interessante o relato de Emde e colegas, que ao interpretar as expressões faciais dos bebês mais jovens, as mães sentem-se muito confiantes quanto à sua atribuição do tom hedônico, um pouco menos confiantes quanto ao nível de ativação e menos confiantes ainda quanto à categoria distinta de afeto vista no rosto do bebê.

Categorias distintas de afeto. Mesmo que o tom hedônico surja mais cedo ou mais rápido como uma experiência afetiva, o estudo dos rostos dos bebês também deixa claro que eles expressam (quer eles sintam ou não) categorias distintas de afeto. Utilizando análise detalhada de filmes, Izard (1978) observou que os recém-nascidos demonstram interesse, alegria, tristeza, desgosto e surpresa. Manifestações faciais de medo aparecem por volta dos seis meses (Cicchetti e Stroufe, 1978), e de vergonha, bem mais tarde. No início, o afeto é expressado não apenas no rosto. Lipsitt (1976) descreveu como os recém-nascidos expressam raiva movendo o rosto, os braços e todo o corpo em conjunto, quando experienciam falta de ar pela oclusão nasal no seio. De modo semelhante, Bennett (1971) descreveu como todo o corpo do bebê expressa prazer; há arrepios de prazer, assim como sorrisos.

Simplesmente não sabemos se os bebês estão realmente sentindo aquilo que seu rosto, voz e corpo expressam tão poderosamente para nós, mas é muito difícil presenciar essas expressões e não fazer essa inferência. É igualmente difícil, em termos teóricos, imaginar que os bebês seriam providos inicialmente com um sinal vazio, mas convincente, quando eles precisam dos sentimentos que expressam para regular-se, para definir seus próprios eus e para aprender.([15]).

Estados de consciência do bebê. Nos primeiros meses de vida, o bebê circula dramaticamente através da seqüência de estados descrita em primeiro lugar por Wolff (1966): sonolência, inatividade alerta, atividade alerta, choro barulhento, sono regular e sono paradoxal. Foi sugerido que os diferentes estados de consciência do despertar podem também ter o papel de um foco organizador para todas as outras experiências e, conseqüentemente, oferecem uma abordagem primária para descrever a experiência subjetiva inicial do bebê (Stechler e Carpenter, 1967; Sander, 1983a, 1983b).

Percepções e cognições. Esse é o caminho mais freqüentemente tomado pelos experimentalistas. Ele resulta em uma visão da experiência social do bebê como um subgrupo da percepção e cognição em geral. A percepção social e a cognição social seguem as mesmas regras aplicáveis a todos os outros objetos.

O problema com cada uma dessas abordagens é que os bebês não vêem o mundo nesses termos (isto é, nos termos das nossas subdisciplinas acadêmicas). A experiência do bebê é mais unificada e global. Os bebês não prestam

atenção ao domínio em que sua experiência está ocorrendo. Eles tomam sensações, percepções, ações, cognições, estados internos de motivação e estados de consciência e os experienciam diretamente em termos de intensidades, formas, padrões temporais, afetos de vitalidade, afetos categóricos e tons hedônicos. Esses são os elementos básicos de uma experiência subjetiva inicial. Cognições, ações e percepções, como tal, não existem. Todas as experiências se tornam reformuladas como constelações padronizadas de todos os elementos subjetivos básicos do bebê combinados.

Isso é o que Spitz (1959), Werner (1948) e outros tinham em mente quando falavam da experiência global e cinestésica. O que não era reconhecido na época de suas formulações era a extensão das formidáveis capacidades do bebê de destilar e organizar as qualidades abstratas, globais, da experiência. Os bebês não estão perdidos, confusos, em um pântano de quantidades abstraíveis da experiência. Eles estão gradual e sistematicamente ordenando esses elementos da experiência para identificar constelações invariantes de eu e de outro. E quando alguma constelação é formada, o bebê experiencia a emergência da organização. Os elementos que constituem essas organizações emergentes são simplesmente unidades subjetivas diferentes das dos adultos, que, na maioria do tempo, acreditam que eles experienciam subjetivamente unidades tais como pensamentos, percepções, ações e assim por diante, porque eles precisam traduzir a experiência nesses termos de modo a codificá-la verbalmente.

Esse mundo subjetivo global da organização emergente é e permanece o domínio fundamental da subjetividade humana. Ele opera fora da consciência como a matriz experiencial a partir da qual os pensamentos, e formas percebidas, e atos identificáveis e sentimentos verbalizados surgirão, mais tarde. Finalmente, ele é o reservatório básico em que podemos mergulhar para todas as experiências criativas.

Toda aprendizagem e todos os atos criativos começam no domínio do relacionar-se emergente. Esse domínio sozinho se refere ao vir-a-ser da organização que está no âmago da criação e aprendizagem. Esse domínio da experiência permanece ativo durante o período formativo de cada um dos subseqüentes domínios do senso de eu. Os últimos sensos de eu a emergir são produtos do processo organizador. Eles são perspectivas verdadeiras, abrangentes em relação ao eu — em relação ao eu físico, racional, em relação ao eu subjetivo, em relação ao eu verbal. O processo de formar cada uma dessas perspectivas, o ato criativo referente à natureza de eu e outros, é o processo que dá origem ao senso de um eu emergente, que será experienciado no processo de formar cada um dos outros sensos do eu, para os quais podemos agora nos dirigir.

Notas de referência

1 – A mudança da velocidade cardíaca e os potenciais evocados como respostas psicológicas a eventos externos também podem ser usados como respostas, tanto sozinhos como para validar as respostas comportamentais.

2 – Ao mesmo tempo que os pais são especialistas neste alinhamento com os estados futuros do ser do bebê, ocorre um fenômeno semelhante na terapia. Fredman (1982) aponta que: "não é necessário para o analista saber a natureza exata do desenvolvimento que ele está encorajando. É suficiente que ele trate o paciente como se ele fosse de forma geral a pessoa que ele irá se tornar. O paciente explorará o ser tratado desta forma e preencherá com os detalhes pessoais (p. 12).

3 – Foram observados as tendências auto-organizadoras de muitos sistemas, e Stechler e Kaplan (1980) aplicaram essas noções ao eu em desenvolvimento. A preocupação aqui, no entanto, é com a experiência subjetiva da organização em formação.

4 – Um esquema pertencente aos sistemas proprioceptivo e cutâneo dos sentidos. (N. da T.)

5 – Por exemplo, se vemos uma boca articulando (silenciosamente) o som "da" e ouvimos uma voz falar o som "ba", iremos experienciar "da" ou às vezes um som intermediário "ga".

6 – MacKain e colegas descobriram que essa tarefa de combinação audiovisual particular era facilitada pela ativação hemisférica esquerda, mas a discussão desse achado vai além do alcance deste livro.

7 – Essas sete ou oito expressões distintas, tomadas sozinhas ou em misturas combinatórias representam todo o repertório emocional de expressividade facial no homem. Isso veio a ser conhecido como a "hipótese do afeto distinto". E essa hipótese provou ser muito forte por mais de cem anos. Estudos culturais cruzados bem conhecidos indicam de modo bastante convincente que fotografias das expressões faciais básicas serão reconhecidas e identificadas de modo semelhante em todas as culturas testadas (Ekman, 1971; Izard, 1971). A universalidade em face às amplas diferenças socioculturais apóia essa qualidade inata. Da mesma forma, é bem sabido que uma criança nascida cega mostra o repertório normalmente esperado de expressões faciais até cerca de três ou quatro meses (Freedman, 1964; Fraiberg, 1971), sugerindo fortemente que esses padrões de manifestações distintas são inatos, emergindo sem a necessidade de aprendizagem proporcionada pelo *feedback* da visão. No entanto, quando nós perguntamos sobre a qualidade subjetiva do sentimento associado a qualquer expressão facial, o ajuste cultural cruzado parece estar presente, mas menos firme. A sensação *central* de tristeza pode ter suas próprias qualidades distintas conforme expressadas verbalmente por um povo comparado com um outro povo (Lutz, 1982). Nós compartilhamos o mesmo conjunto finito de expressões de afeto, mas não necessariamente o mesmo conjunto de qualidades de sentimento.

8 – Algumas categorias de afeto tais como felicidade ou tristeza são sempre agradáveis ou desagradáveis, mas, em variados graus, outras, como surpresa, não são. Geralmente, a ativação e o tom hedônico são vistos como dimensões em que as categorias de fato são experienciadas. Por exemplo, a alegria exuberante é a categoria afetiva da felicidade experienciada no extremo elevado da dimensão da ativação, em contraste, digamos, com a bem-aventurança contemplativa, que também está na categoria da felicidade, mas experienciada no extremo baixo da ativação. Ambos os sentimentos, contudo, poderiam ser considerados como igualmente agradáveis no tom hedônico. Reciprocamente, a surpresa agradável e a desagradável caem em extremos diferentes da dimensão do tom hedônico, mas poderiam estar no mesmo nível da dimensão da ativação. Há outras dimensões nas quais as categorias afetivas acontecem (veja Arnold, 1970; Dahl e Stengel, 1978; Plutchik, 1980).

9 – Todos os diferentes contornos de ativação podem ser descritos em termos de intensidade de sensação como uma função do tempo. As mudanças na intensidade através do tempo

são adequadas para explicar as "explosões", "desaparecimentos graduais", "sobrecargas" e assim por diante, independentemente de qual comportamento real ou sistema neural seja a fonte dessas mudanças. É por isso que os afetos de vitalidade ficaram escondidos dentro da dimensão de ativação-excitação. No entanto, esta dimensão precisa ser decomposta e considerada não apenas como única, mas também com mudanças mais momentâneas padronizadas da ativação no tempo — isto é, os contornos de ativação que existem em alguma forma amodal. Esses contornos de ativação originam os afetos de vitalidade no nível do sentimento.

Essa explicação dos afetos de vitalidade é em grande parte devida ao trabalho de Schneirla (1959, 1965) e particularmente ao de Tompkins (1962, 1963, 1981). No entanto, Tompkins concluiu que os padrões distintos de descarga neural (densidade X tempo) — que aqui são chamados de contornos de ativação — resultam em distintos afetos darwinianos, enquanto eu concluo que eles resultam em uma forma distinta de experiência afetiva, ou afetos de vitalidade. Não obstante, o trabalho de Tompkins é a base para a presente explicação.

10 — Tudo isso supõe que os bebês são precocemente dotados com detectores de curva ou padrão, que podem identificar tais contornos. Existem evidências sugestivas de que é assim. Fernald (1984), por exemplo, mostrou que os bebês podem prontamente discriminar um contorno de inclinação ascendente de um com inclinação descendente, mesmo que os dois sejam a mesma voz pronunciando o mesmo som de vogal com o mesmo percurso de inclinação e amplitude, diferindo apenas no padrão temporal. Novas pesquisas nessa área são cruciais.

11 — Existem infinitos contornos de ativação possíveis. Nós podemos apenas supor que eles se organizam em agrupamentos reconhecíveis, de modo que nós podemos reconhecer famílias de contornos para os quais os afetos de vitalidade relativamente distintos são os componentes sentidos, e podem inclusive designar palavras — "oscilações", "desaparecimentos", "resoluções" e assim por diante, para algumas dessas famílias. A diferenciação em um número maior de famílias mais distintas é uma questão empírica do desenvolvimento.

12 — Todavia, pode ser argumentado que a discriminação das configurações expressivas baseia-se na detecção de um único aspecto necessário e suficiente para cada configuração.

13 — O percurso de inclinação e os padrões gerais de ênfase não parecem ser os aspectos distintivos que permitem ao bebê essa discriminação. A qualidade da voz parece ser o melhor palpite (Fifer, comunicação pessoal, 1984).

14 — Poderíamos argumentar que algumas experiências são mais cruciais para a sobrevivência do que outras, mas isso está fora das considerações sobre a experiência subjetiva.

15 — Durante a última década, os psicólogos do desenvolvimento tenderam a enfatizar as capacidades cognitivas necessárias para que um bebê tenha uma experiência afetiva (Lewis e Rosenblum, 1978). O resultado foi uma superênfase na ligação entre o desenvolvimento da estrutura cognitiva do afeto. Agora começa a haver o entendimento de que nem toda vida afetiva é a criada da cognição, seja para os bebês ou para os adultos, e que os *sentimentos* dos bebês, especialmente no início, podem e devem ser considerados independentemente do que eles *sabem*. (Veja Demos, 1982a, 1982b; Fogel e colegas, 1981; e Thoman e Acebo, 1983, para uma discussão dessa questão em relação aos bebês; e Zajonc, 1980, e Tompkins, 1981, em relação aos adultos.)